

Sarney altera suas viagens

Moratória faz Presidente ir só a China e Índia em maio

YOLANDA VIANNA
Da Editoria Internacional

O problema da moratória brasileira alterou a agenda de viagens internacionais do presidente José Sarney. O momento atual não demonstra ser propício para visitas brasileiras de alto nível à Europa Ocidental, tendo em vista os resultados negativos obtidos pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro, em suas andanças por países credores. A tendência do Brasil agora é estender suas relações com as nações em desenvolvimento. A partir desse ponto de vista, o presidente José Sarney viajará no final de maio para a Índia e China, transferindo para data incerta sua viagem à Bélgica e à República Federal da Alemanha, que estava prevista para o mesmo mês.

As razões são óbvias para esta mudança de rumos. O Brasil não tem moral política suficiente que permita uma conversa de igual para igual entre o presidente José Sarney e autoridades máximas destes países. Diante do calote técnico assumido pelo Brasil, as conversas em países credores certamente se restringirão a críticas de seus governantes à medida adotada e às conhecidas sugestões para que o Brasil recorra ao Fundo Monetário Internacional. Não ficaria nada bem um "puxão de orelhas" a nível presidencial.

O Brasil, que já vinha adotando uma política mais agressiva em termos de buscar novos mercados para seus produtos, sente maior necessidade agora em aumentar as exporta-

ções. A alternativa é investir direto na China, que tem subido na escala de importantes parceiros comerciais do Brasil, e na Índia, um grande mercado, mas até agora, negligenciado.

A idéia de uma visita do presidente José Sarney aos dois países não é nova. No ano passado, o próprio chanceler Roberto de Abreu Sodré chegou a levantar hipótese a este respeito e as previsões são de que ocorreria no final deste ano ou no início do próximo. Com a mudança do quadro econômico brasileiro, foi preciso inverter os valores até então estabelecidos, ficando as visitas à Alemanha Ocidental e à Bélgica para depois. Isto é, quando o Brasil se sentir seguro de conversar em nível de igualdade com os países europeus, que não deram sinais de acolhida às explicações do ministro Dilson Funaro.

A explicação para esta busca de maior relacionamento Sul-Sul está ainda no fato de que os produtos brasileiros têm esbarrado constantemente em barreiras protecionistas, tanto por parte da Comunidade Européia como dos Estados Unidos, que acusam o Brasil de dumping, mas que por outro lado, estabelecem cotas para produtos exportados pelo Brasil, para fugir às pressões desencadeadas por sindicatos desses países.

Apesar de toda retórica terceiro-mundista dos governos de países europeus, como a Alemanha Ocidental e a França, espera-se no Brasil por retaliações a produtos brasileiros na Europa, a partir da opção pela moratória.

A visita do presidente José Sarney à China e à Índia ainda não tem data definida, devendo ocorrer em meados de maio, após observado o quadro político interno. Estas visitas são retribuições de outras realizadas ao Brasil pela primeira ministra indiana, Indira Ghandi, em 1968, e do primeiro-ministro chinês, Zhao Ziyang, em 1985, esta em retribuição à visita do ex-presidente João Figueiredo, em 1982.

Politicamente, a relação tem sido boa, principalmente com a Índia, que em foros internacionais tem adotado as mesmas posições brasileiras. Os indianos têm sido no GATT — Acordo Geral de Tarifa e Comércio, junto com o Brasil, grandes defensores da não-inclusão dos serviços nas discussões daquele organismo, como querem os Estados Unidos.

A China, por sua vez, nas últimas reuniões da Organização das Nações Unidas, tem votado quase que similarmente com o Brasil, o que aumenta o estímulo a uma maior integração comercial, além do fato de que estes países se constituem em rentosos mercados para as exportações brasileiras. Com os chineses, a balança comercial tem sido desfavorável para o Brasil por causa da importação brasileira de petróleo. No ano passado, o Brasil importou cerca de 232 milhões de dólares e exportou quase 47 milhões de dólares, o que faz da China o segundo parceiro econômico do Brasil na Ásia. Na mesma região, a Índia ocupa o oitavo lugar, mas com uma grande pendência favorável aos brasileiros.